

■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Eu no Espelho: uma poética de resistência para além da exposição fotográfica

 Marcos Vinícius Silva Magalhães *

Resumo: O presente manuscrito é o relato de experiência de uma ação pedagógica exitosa, realizada nos anos de 2018 e 2019 no Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia. “Eu no Espelho” foi também o título de uma exposição fotográfica que revelou os retratos e as histórias de alunas que possuem a negritude como característica e essência. Assim, embora a exposição tenha apresentado novas visualidades acerca do protagonismo dos (as) estudantes, essa ação educativa buscou conceber a fotografia para além de uma poética artística, em que os processos de identidade e resistência pudessem ser evidenciados em meio ao cotidiano da escola. Nessa perspectiva, o trabalho gerou novas possibilidades para pensarmos em uma prática pedagógica que reconhece as zonas de racismo e preconceito vivenciadas pela comunidade escolar, buscando traçar ações de intervenção e conscientização a partir de um processo significativo de aprendizagem.

Palavras-chave: Exposição fotográfica. Protagonismo juvenil. Identidade. Prática pedagógica. Antirracismo.

* Marcos Vinícius Silva Magalhães é mestre em Arte Contemporânea e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade de Brasília (UnB). Professor de Arte da rede pública de ensino do Distrito Federal. Contato: marcosmagalhaes@edu.se.df.gov.br.

Imagem 1 - Ensaio fotográfico: Alunas participantes da primeira edição da ação pedagógica “Eu no Espelho”, realizada em 2018.



Foto: Klleber Amaral. Fonte: arquivo pessoal.

Introdução: a fotografia não existe sem a luz...

A visualidade apresentada no início deste texto marca um processo de celebração à memória da ação pedagógica aqui compartilhada e evidencia o sentimento de gratidão a essa experiência que reuniu as alunas do Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia¹. Encontram-se, aqui, alguns fluxos e possibilidades de incentivo à uma prática educativa antirracista, a qual não se limita ao presente relato, mas firma-se num exercício necessário em que o respeito se constitui como ação cotidiana e política, de modo que a identidade de nossos alunos e alunas seja cada vez mais revelada e valorizada no dia a dia escolar. Assim, o presente texto se configura por meio de uma escrita descritiva-narrativa de uma experiência exitosa desenvolvida nos anos de 2018 e 2019 junto aos/às estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. “A fotografia não existe sem a luz” foi escolhido como um título poético para esse momento inicial de escrita e diálogo e demarca não só os conhecimentos e os fundamentos científicos da linguagem fotográfica, mas reconhece as alunas, em meio à ação pedagógica, como fontes luminosas que abrem o caminho para o protagonismo de suas próprias histórias.

A partir dos aspectos que constituem as bases do currículo nacional, encontram-se nos documentos oficiais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (2014, 2018) o esforço em sistematizar ações pedagógicas que levem em consideração os Eixos Transversais, nos quais a Educação para a Diversidade, Cidadania e a Educação em e para os Direitos Humanos se constituem temas imprescindíveis. Ao observar a realidade e a legitimidade que a legislação brasileira estabelece, temáticas como o feminismo e a cultura afro-brasileira emergiram como questões fundamentais para o desenvolvimento da prática educativa, uma vez que os desdobramentos sociais possibilitaram ao aprofundamento dessas questões junto aos alunos e alunas, tendo em vista um processo consciente de tomada de decisões.

Mais do que nunca, no presente século é urgente a necessidade de entendermos e valorizarmos as contribuições da cultura negra para a nossa sociedade, bem como promover discussões sobre a igualdade racial e de gênero. Nessa perspectiva, como escola, deve-se reconhecer a necessidade de desenvolver ações que reforcem a autoestima e a identidade dos (as) estudantes, dando voz e visibilidade às diferentes realidades sociais, bem como provocar ações pedagógicas

que visam identificar e combater as diversas camadas de preconceito existentes em nossa sociedade. Nesse sentido, buscou-se compreender a realidade escolar a partir da periferia, problematizando as relações sociais e reforçando os valores presentes no cotidiano.

Essa ação pedagógica buscou evidenciar o posicionamento crítico de meninas de nossa comunidade escolar, as quais possuem em sua essência e característica a negritude. Nessa premissa, o conhecimento artístico foi um dos caminhos possíveis para propor os questionamentos acerca das práticas sociais vigentes, levando à criação de imagens que se aproximassem da real identidade das alunas. No trânsito desses apontamentos buscou-se reforçar a identidade, sobretudo o valor da mulher negra em nossa sociedade, discutindo criticamente as formas de entendimento que ainda são permeadas por zonas de preconceito. “Eu no Espelho” nasceu a partir de um tempo e espaço definido, nasceu como forma de protesto, sendo compreendido como um espaço de identificação de todos e todas. O trabalho, aqui apresentado, partiu das possibilidades de construção de uma nova visualidade, buscando a criação de retratos a partir de olhares firmados no autoconhecimento, bem como no entendimento de como essa imagem reverbera positivamente em meio à comunidade.

No cerne dessas reflexões, a valorização, seja ela individual, ou talvez aquela voltada para as especificidades de determinado grupo social (tanto na escola, como fora dela), pode ser a chave para uma educação que evidencia sujeitos críticos e participantes de uma sociedade marcada por uma luta de igualdade, amor e respeito. As fotografias, apresentadas ao final da ação pedagógica, poderão ser reconhecidas como um meio, um artefato cultural em que estão em jogo os valores da sociedade, tendo em vista as relações de proximidade entre identidade e comunidade, tal como afirmam os escritos reunidos por Tomaz Tadeu da Silva (2013), no âmbito dos Estudos Culturais no campo educacional. Aqui, a exposição de arte fotográfica, a partir de um percurso metodológico que reconhece a identidade de nossos(as) estudantes, bem como a relação que se estabelece com as perspectivas históricas e sociais das lutas por igualdade, oportunizou processos significativos de aprendizagem. Nessa perspectiva, buscou-se gerar protagonistas, abrindo espaços no cotidiano da escola para que as histórias das próprias alunas pudessem ser reveladas e valorizadas por sua representatividade. Considerou-se que, também no contexto escolar, as práticas racistas e preconceituosas devem ser combatidas e problematizadas de modo a possibilitar, entre os/as estudantes, tomadas de decisão pautadas nas práticas de liberdade e resistência (HOOKS, 2019, 2017).

Assim, esse exercício de escrita e relato de experiência se caracteriza muito mais por seu viés descritivo-narrativo

do que a proposição de uma discussão de articulação teórica. Contudo, é importante que se reconheça que a prática docente está imersa na contextualização de referenciais e em estudos de investigação e pesquisa. Aqui, a realidade foi compreendida não só sob uma perspectiva teórica, mas a partir da sua relação com os movimentos sociais e expectativas próprias dos/as estudantes.

Desenvolvimento: a fotografia como processo de afirmação

A partir dos aspectos legais que regem o sistema educacional brasileiro observa-se, sobretudo por meio da Lei 10.639/03, a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira bem como o modo como essa realidade impacta os processos de ensino e aprendizagem na contemporaneidade. Tal como foi apresentada, a ação pedagógica “Eu no Espelho” foi desenvolvida em uma escola pública de Ceilândia, a qual é uma região administrativa primordial para a construção da identidade de Brasília. A escola, tendo em vista sua localização e as características de sua comunidade, está situada na periferia da capital federal, nesse sentido, essa ação buscou fortalecer a identidade local a partir da negritude e do reconhecimento do histórico das lutas sociais.

Sob tais considerações, sabemos na prática, sobretudo por meio dos registros dos diários das aulas dos(as) professores(as), por meio das reuniões pedagógicas e relatos que cotidianamente são realizados e socializados, que muitos dos nossos alunos e alunas já sofreram preconceitos ou já foram alvo de *bullying* pela cor da pele. E que, ainda, muitas alunas já sofreram com piadinhas maldosas na escola, ou tiveram em algum momento dentro de suas casas seus direitos, como mulheres, violados. Assim, as ações de intervenção e mudança dessa realidade partiram da própria comunidade na qual a escola estava inserida, onde as dependências da escola foram reconhecidas como um lugar propício para a troca de experiências, buscando transformar os espaços que antes, de forma velada, reforçavam estereótipos e práticas preconceituosas entre os/as estudantes. O cerne da ação pedagógica só fez sentido a partir da participação de voluntários/as da comunidade (os/as quais se prontificaram para contribuir com os debates, rodas de conversas e com todo o profissionalismo quanto à organização dos equipamentos e a realização do ensaio fotográfico), contando também com o protagonismo das alunas e do reconhecimento do espaço escolar como lugar de “fala” e “escuta”.

Sendo assim, ao apresentar as perspectivas iniciais, que impulsionaram a ação pedagógica, o presente texto se propôs a apresentar os objetivos e a prática metodológica desenvolvida. Nesse sentido, em meio às

práticas em sala de aula, sobretudo em meio à disciplina de Arte, havia a necessidade de serem reconhecidas as visualidades próprias da cultura afro-brasileira e, de modo semelhante, evidenciar o protagonismo da comunidade na qual a escola estava (e está) inserida.

Nessa premissa, os objetivos de aprendizagem do trabalho desenvolvido foram traçados tendo em vista a realidade de cada “ano”, sendo observados a partir do Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018), documento norteador de nossas práticas educativas. Assim, levou-se em consideração que o grupo de meninas envolvido na ação pedagógica seria uma maneira de representar cada um dos anos sistematizados (6º, 7º, 8º e 9º ano) sendo reforçados os pilares sobre identidade e representatividade no âmbito do trabalho desenvolvido.

Desse modo, foram traçados os seguintes objetivos:

- a. Reconhecer o exercício da “escuta” como ação primordial da prática educativa;
- b. Reconhecer a importância do diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, reforçando a importância da Arte para a formação da sociedade;
- c. Construir uma relação de autoconfiança a partir da produção fotográfica, compreendendo a importância de gerar visualidades representativas;
- d. Reconhecer e combater, a partir de ações de conscientização, atitudes preconceituosas e racistas, sejam elas veladas ou não.

Semelhantemente, em consonância com as orientações do Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018) e ao tecer as aproximações da realidade escolar e as proposições da ação pedagógica desenvolvida, levou-se em consideração os seguintes conteúdos curriculares:

- a. A relação entre arte e comunidade;
- b. A fotografia e o seu impacto na arte;
- c. As contribuições da cultura africana e o seu impacto na sociedade brasileira;
- d. As implicações do Movimento Feminista na sociedade e a política de apoio e proteção ao direito das mulheres.

A costura entre esses elementos e conteúdos se deu ao longo das etapas da ação pedagógica, a qual não se limitou ao tempo e ao espaço em que o trabalho foi desenvolvido, tendo o cuidado em trabalhar, ainda, cada temática a partir da aproximação entre os 6º, 7º, 8º e 9º anos. Sob tais aspectos é importante considerar que, ao serem elencados os objetivos do trabalho e o estudo de uma prática que evidencia as questões étnico-raciais, a ação pedagógica reconheceu os processos de aprendizagem e os discursos que as exposições de arte evocam, buscando, assim, criar um espaço expositivo com os

retratos de nossas alunas. Ao observar as perspectivas dos processos de ensino-aprendizagem do componente curricular de Arte, a fotografia foi escolhida por ser um conteúdo importante a ser desenvolvido ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo esta uma linguagem que possui maior proximidade e identificação com a realidade de nossos alunos e alunas.

O trabalho desenvolvido buscou o reconhecimento da realidade escolar dentro de um processo de construção e valorização de identidades, perpassando por etapas em que um grupo de meninas seria compreendido por meio do exercício da “escuta”, até chegar ao protagonismo e representatividade apresentadas por suas respectivas imagens. Como evidenciado, a ação “Eu no Espelho” é um momento que vai além da culminância de uma exposição fotográfica, cuja primeira edição aconteceu no mês de novembro de 2018 em nossa escola. A título de exemplo, o percurso metodológico descrito aqui está relacionado ao ano de 2019, por ser um projeto de trabalho ainda mais recente, contudo, cabe considerar que os caminhos e parcerias desenvolvidas se assemelham aos da primeira edição, realizada no ano anterior.

Desse modo, a ação “Eu no Espelho” apresentou o seguinte percurso metodológico:

- a. No início do segundo semestre letivo de 2019, com a ajuda da equipe pedagógica da escola, foi apresentado o passo a passo do trabalho a ser realizado, delineando um cronograma dentro do mês de setembro, apontando os/as parceiros/as e os recursos financeiros para a organização da exposição de arte fotográfica;
- b. No entendimento de que as alunas participantes poderiam ser agentes multiplicadoras, representando muitas outras meninas, amigas e colegas, foram apontados os critérios de escolha de dez alunas (do 6º ao 9º ano) para participarem dessa ação. Esses critérios perpassaram a compreensão das dificuldades que essas alunas enfrentavam ao exercer sua autoaceitação, por terem sido, em algum momento, vítimas de racismo e preconceito²;
- c. Com o grupo de alunas formado, foi a hora de estabelecer as aproximações com a família, sendo entregue às alunas e aos(as) seus(suas) responsáveis os termos de participação, junto ao termo de autorização de uso de imagem, uma vez que elas teriam seus retratos apresentados nas dependências da escola³. Nesse momento foi iniciado o diálogo com a família, reforçando o papel dos(as) responsáveis diante dos processos de autoafirmação e a valorização de suas identidades;
- d. Dentre as ações do projeto estavam envolvidos ciclos de debates e conversas com pessoas e

especialistas da comunidade, profissionais do campo da psicologia, educação e das áreas de apoio e defesa dos direitos das mulheres.

Tal como apresentado pela imagem 2, esse momento de diálogo e “escuta”, que aconteceu na escola, oportunizou caminharmos para uma das etapas finais do projeto: o ensaio fotográfico. Assim, as fotografias buscariam refletir uma nova imagem, construída sob a luz de um novo entendimento de autonomia e bem-estar consigo mesma. Esse processo de diálogo e “escuta” durou todo o mês de setembro, uma vez por semana.

e. Em um dia específico, as alunas foram fotografadas, contando com a parceria de um instituto profissionalizante da comunidade, dando oportunidade às alunas de usufruírem de serviços de beleza e dicas de autocuidado. Após reconhecer o salão de beleza como um espaço de trocas de experiências, o ensaio fotográfico das alunas foi conduzido por um fotógrafo profissional em um estúdio.

f. Por fim, a exposição fotográfica (que contou com a apresentação dos retratos de cada aluna, emoldurados cada um no tamanho de 90x60) aconteceu em meio ao projeto e evento pedagógico denominado “Africanidades: consciência de quê?”, no dia 28 de setembro de 2019, contando com a participação de toda a comunidade escolar, incluindo representantes da Secretaria de Educação, do Sindicato de Professores e da imprensa local;

g. Nos dias que se seguiram, em sala de aula, as imagens das alunas reverberaram, sendo reforçada, sobretudo na disciplina de Arte, a importância da fotografia como processo de autoconhecimento e legitimação de identidades sociais e culturais. Em meio à comunidade escolar, as alunas foram reconhecidas a partir de seus “lugares de fala”, oportunizando maior visibilidade de suas identidades como representantes daquele espaço e da luta no combate ao racismo e ao preconceito.

De algum modo, no trânsito do percurso delineado pelo trabalho, cabe considerar e refletir sobre a noção de territorialidade, tal como está expressa no Projeto Político-Pedagógico Professor Carlos Mota (DISTRITO FEDERAL, 2012). Essa percepção, aqui, é revelada não só na compreensão do território geográfico no qual a escola se situa, mas no jogo de relações e trocas sociais e simbólicas dentro de um espaço definido. Nesse sentido, tal como apresentada pelas imagens 3 e 4 a própria escola, sua estrutura e espaço físico são o suporte para a apresentação e valorização do trabalho desenvolvido, reconhecendo, assim, a importância da apropriação do espaço escolar e no modo como ele abriga as diferentes

Imagem 2 - Um registro de 2018 feito ao longo da primeira edição da ação pedagógica “Eu no Espelho”⁴.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 3 - Primeira edição da exposição fotográfica “Eu no Espelho” (2018).



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 4 - O retrato de Jamile Kelly, uma das alunas participantes.



Fonte: Arquivo pessoal.

identidades. O estudo do espaço escolar, bem como de sua estrutura física e de sua funcionalidade foram, também, imprescindíveis para a execução da ação pedagógica em questão, buscando oportunizar novas possibilidades de aprendizagem e apropriação pelos (as) estudantes.

As evidências de aprendizagem para além da exposição fotográfica

A ação pedagógica que envolveu a exposição dos retratos das alunas foi concebida no entendimento de que as aprendizagens e os novos posicionamentos gerados por parte dos(as) estudantes pudessem ser vistos não somente de maneira imediata, mas como uma mudança reconhecida dia a dia. Sabemos que o preconceito de gênero e o racismo precisam ser combatidos e que o primeiro passo é reconhecer as zonas de privilégio em que muitos/as estão inseridos/as e, a partir daí, desenvolver hábitos que desconstruam estereótipos e que promovam novas atitudes diante dos/as amigos/as e colegas que possuem a negritude como característica e essência.

Nessa perspectiva, o primeiro passo foi alcançar o grupo de alunas que participaram de todo o processo do trabalho pedagógico. Como mulheres negras que eram (que são), percebeu-se que era preciso ouvir suas histórias, saber de suas feridas e contribuir para que elas pudessem, a partir de novas ferramentas, exercer sua autoestima e empoderamento. Desse modo, as aprendizagens foram evidenciadas a partir das dez alunas envolvidas. A cada conversa com especialistas e voluntários/as as alunas entendiam mais sobre a importância de dialogar e compartilhar com os/as demais colegas sobre a luta contra o racismo e o sexismo. Cabe considerar que algumas meninas nunca haviam falado sobre essas questões ou que, talvez, nunca tiveram a oportunidade de serem ouvidas.

Quando a exposição aconteceu uma nova postura foi evidenciada, percebeu-se que as alunas estavam orgulhosas de seus retratos, os quais revelaram a força e a beleza de suas identidades. As alunas lidavam de forma positiva com os elogios e agiam, de forma madura e consciente, no combate diante de alguma piadinha ou atitude preconceituosa vinda de alguns/algumas colegas. Após o desenvolvimento do trabalho muitos professores e professoras reconheceram as mudanças positivas que essa ação havia provocado na vida das alunas em meio à sala de aula: “a forma de posicionar”, “a forma de tratar o autocuidado com o cabelo”, “a forma de se colocar em meio às rodas de conversa em sala de aula”... Nesse sentido, os conteúdos trabalhados em meio às aulas, com todas as turmas, reforçaram os aspectos da visualidade que as fotografias produziram, fazendo com que as alunas pudessem se aprofundar no conhecimento da representatividade, contribuindo para a criação de um novo olhar e posicionamento.

Mais uma vez, essa experiência educativa se apoiou, sobretudo, na difusão dos valores da pluralidade social, na diversidade da comunidade e de nossos alunos e alunas. Ao observar a reação dos(as) estudantes ao se depararem com visualidades que dialogavam com a sua realidade, desconstruindo estereótipos e reafirmando a identidade afro-brasileira, notou-se que a ação “Eu no Espelho” alcançou o seu objetivo.

No âmbito da finalização das atividades e em observância ao cronograma que foi proposto inicialmente, a equipe pedagógica da escola, as alunas participantes e seus(suas) respectivos(as) familiares se reuniram, havendo a oportunidade de, juntos(as), avaliarem o projeto e sugerir novos caminhos e possibilidades⁵. Sob perspectivas futuras, novas alunas e alunos poderão ter a oportunidade de também serem ouvidos e de terem seus retratos revelados. Nesse sentimento, ficou claro que as ações e perspectivas do “Eu no Espelho” não poderiam ser vistas de forma isolada, de modo a reforçar que essa ação pudesse ser desenvolvida a cada ano, buscando envolver novos públicos e coletividades, compartilhando diferentes lutas e conscientizando nossa comunidade.

Assim, foram evidenciadas as perspectivas apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (2017), as quais reconhecem os alunos e alunas a partir da capacidade de serem autônomos(as) em sua responsabilidade social, sendo conscientes quanto à valorização de nossa diversidade, identificando as camadas de racismo existentes e combatendo, na prática, essas atitudes. Ainda a arte, como campo do saber, foi compreendida como uma importante ferramenta para o fortalecimento de identidades e alteridades, sendo a fotografia uma linguagem possível no processo de autoafirmação e difusão dos valores sociais.

Considerações finais: iluminando novos caminhos...

Desde a sua idealização, a ação “Eu no Espelho” seria um espaço que pudesse evidenciar o protagonismo de nossos(as) estudantes. Era necessário pensar e problematizar um formato de trabalho em que os alunos e alunas pudessem estampar suas histórias, sendo um referencial para outras pessoas. Por meio de parcerias e de todo incentivo e investimento por parte da gestão do Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia essa ação foi sendo desenvolvida e aprimorada.

Desse modo, ao conceber um processo de avaliação desse trabalho, antes de tudo, como professores/as e cidadãos, é necessário que saibamos o nosso lugar em meio ao contexto social, reconhecendo nossos “lugares de privilégio” diante da sociedade e nos cercando de todo cuidado e atenção em relação ao outro. O desenvolvimento e a criação de um trabalho cuja máxima

Imagem 5 - Algumas reticências e desdobramentos da ação “Eu no Espelho”, em que o retrato da aluna Jamile Kelly é estampado por entre os muros da escola por meio da arte urbana do grafite. Registro de 2019.



Fonte: arquivo pessoal.

esteja voltada para o debate em torno das questões raciais exige uma postura docente crítica e sensível. Percebe-se que, em meio às múltiplas trajetórias como docentes, não basta que tenhamos “boas intenções” em nossas práticas, mas é preciso empreender novos estudos e investigações pessoais e coletivas, de modo que os alunos e alunas possam efetivamente ser alcançados/as em suas aprendizagens e reconhecidos/as em meio à pluralidade.

Assim, é importante reforçar que a valorização da negritude e das mulheres em meio às camadas da sociedade têm se apresentado de forma urgente e não deve se resumir a uma única “data” ou um momento específico dentro da escola. Nesse sentido, essa ação se apoiou em parceiros/as e em pessoas que de fato entendiam a luta contra o racismo e poderiam, a partir de seus conhecimentos e histórias de vida, contribuir para a formação de nossas alunas. Como processo de avaliação desse trabalho considerou-se mais aprendizados do que ensinamentos.

“Eu no Espelho” foi e é o título de uma prática para

além da exposição ou culminância dos retratos de nossas alunas em meio às “paredes” da escola. Nesse caminho nós, professores/as, assim como muitas outras pessoas, puderem se ver através do espelho e refletir sobre suas próprias histórias e narrativas de vida.

É importante reconhecer que esse é um tempo de aprendermos com a luta do outro, um tempo de nos realirmos continuamente. Assim como é possível acompanhar por meio das visualidades contemporâneas, não basta que tenhamos um discurso antirracista mas devemos, como educadores(as), lutar e combater práticas de exclusão e discriminação. Parafraseando Djamilia Ribeiro (2019), uma das vozes mais importantes do pensamento e da luta antirracista no Brasil no momento atual, faz-se necessário provocar processos educativos que tenham por essência uma pedagogia que evidencia as questões raciais... Afinal, entende-se que dar voz e visibilidade a essa luta é uma tarefa individual e também coletiva e a prática educativa deve ecoar a história de quem realmente merece o lugar de fala (imagem 5). ■

Agradecimentos

O presente relato não faz sentido sem antes tecer os agradecimentos à equipe gestora do CEF 18 de Ceilândia. Gratidão à diretora Elaine Amorim e à vice-diretora Maria Lúcia Bertoli por nos ajudar quanto ao desenvolvimento dessa ação e por abraçar cada etapa do trabalho de maneira tão amorosa. Gratidão à professora Ana Gabriela Mendes, ao professor Wesley Marcos de Jesus e à psicóloga Thalita Santos pela parceria e pelas contribuições significativas. Gratidão a cada profissional e professor(a) da nossa escola, à nossa comunidade e aos parceiros e parceiras que se dispuseram a compartilhar conosco suas habilidades, talentos e conhecimentos. E por último (e talvez mais importante), gratidão a cada aluna que esteve conosco nessa ação: Jamile Kelly, Sarah Silva, Beatriz Bruna, Maria Araújo, Gabriela Jesus, Samira Cavalcante, Maria Eduarda Lima, Amanda Luísa, Maria Eduarda dos Reis, Taynara da Silva, Emanuely Sousa, Emily Silva, Lucinda Ribeiro, Ágatha Belém, Jamille Gomes, Jeniffer Sousa, Marianne dos Reis, Jaiane Santos, Jady Tavares e Hágata Santos. Esse legado é dedicado a elas.

Notas

- ¹ Os registros fotográficos das alunas que foram apresentados ao longo deste manuscrito estiveram respaldados pelos termos de autorização de uso de imagem, cujo formato se encontra no apêndice deste texto. As imagens apresentadas correspondem à ação pedagógica desenvolvida no ano de 2018.
- ² A cada edição da ação “Eu no Espelho” foi escolhido um grupo diferente de meninas, tendo em vista o diálogo estabelecido entre o grupo de professores(as), o Serviço de Orientação Escolar e a coordenação pedagógica. Optou-se por trabalhar, nesse momento, com um número reduzido de alunas, pois acredita-se que a ação pedagógica poderia se adaptar melhor às necessidades do grupo, buscando desenvolver cada etapa de maneira cuidadosa e personalizada. Para essa ação, a compreensão da singularidade de nossas alunas foi primordial para que pudéssemos alcançar o bom êxito a partir dos reflexos na coletividade.
- ³ Cabe considerar que os termos de responsabilidade foram elaborados junto à equipe pedagógica da escola, respeitando as especificidades da exposição “Eu no Espelho” e no modo como os retratos seriam expostos por meio da ação pedagógica. Assim, reforçou-se o compromisso ético de nossa escola frente às imagens dos(as) estudantes, bem como o respeito e o cuidado diante do trabalho desenvolvido.
- ⁴ Na ocasião, a psicóloga Thalita Santos (SEEDF) direcionava uma roda de conversa junto às alunas.
- ⁵ No último encontro, em que todos os atores puderam estar presentes, cada aluna recebeu de presente o quadro emoldurado com seus retratos.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento do Distrito Federal: Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais**. Brasília, 2018.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Pressupostos Teóricos**. Brasília, 2014.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político-Pedagógico Professor Carlos Mota**. Brasília, 2012.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. Educação democrática. In: CÁSSIO, Fernando (Org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.
- RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013. (Coleção Estudos Culturais em Educação).

Apêndice

Imagens 6 e 7 - Termo de autorização de participação na ação pedagógica “Eu no Espelho” e termo de consentimento sobre o uso de imagem.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL
 DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DE CEILÂNDIA
 CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DE CEILÂNDIA
 QNF II ÁREA ESPECIAL SN; Telefone: 391-4084



Prezado(s) responsável(is),

Como escola, reconhecemos a necessidade de desenvolver ações que reforcem a auto-estima e a identidade de nossos(as) estudantes. Nesse sentido, a partir do projeto **Africanidades: consciência de quê?** (cuja culminância acontecerá no dia ____/____/____) desenvolveremos a ação pedagógica chamada “Eu no Espelho”, buscando evidenciar o posicionamento crítico de meninos de nossa comunidade, os quais possuem em sua essência a característica a negritude. Assim, buscamos o protagonismo de nossos estudantes de modo a contribuir para o reconhecimento de suas identidades sociais e culturais. A partir do desenvolvimento de um trabalho social e pedagógico, o grupo de meninos da nossa escola será convidado a participar de uma série de conversas com professores e especialistas, sendo abordados assuntos como: identidade cultural, auto-estima e a valorização da mulher negra na sociedade.

Nessa perspectiva, é com muita alegria e entusiasmo que viemos, por ração de dese, oficializar o convite feito à aluna _____ e contamos com a autorização do(a) seu(sua) responsável para que possamos dar prosseguimento em nossas atividades. Assim, o cronograma dessa ação pedagógica acontecerá da seguinte forma:

____/____/____	às ____h	- Apresentação do projeto com _____
____/____/____	às ____h	- Roda de conversa com _____
____/____/____	às ____h	- Roda de conversa com _____
____/____/____	às ____h	- Roda de conversa com _____
____/____/____	às ____h	- Roda de conversa com _____
____/____/____	às ____h	- Sessão de fotos com _____
____/____/____	às ____h	- Exposição fotográfica “Eu no Espelho”
____/____/____	às ____h	- Encerramento do projeto com a Equipe Pedagógica do CEF 18

(Obs: Em caso de necessidade o cronograma poderá ser alterado)

Agradecemos, desde já, a compreensão e a contribuição para o nosso projeto e nos colocamos à disposição para esclarecer qualquer dúvida e informação.

Atenciosamente; Equipe CEF 18

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Após compreender o intuito da ação pedagógica “Eu no Espelho”, venho, por meio deste, autorizar a participação da aluna _____, do ano _____, nas atividades que serão desenvolvidas.

Assinatura do(a) responsável _____


Telefone para contato: _____

Ceilândia, ____ de ____ de ____



Foto: Ana Paula Costa/Divisão de Comunicação Social, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. © 2017. Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução sem autorização expressa.

SEDE - DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DE CEILÂNDIA
 CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DE CEILÂNDIA
 QNF II ÁREA ESPECIAL SN; Telefone: 391-4084



TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO – Uso de Imagem

O Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia, a partir do entendimento acerca da sua responsabilidade ética e pedagógica, vem, por meio deste termo de consentimento, apresentar as condições de uso e autorização de divulgação de imagem de nossos(as) alunos(as).

Nesse intuito, a aluna _____ do _____ ano _____ está sendo convidada a participar da edição do projeto “Eu no espelho”, como desdobramento do evento pedagógico “Africanidades: consciência de quê?”. O registro fotográfico, que será desenvolvido no dia _____ de _____ de _____, sob a supervisão de _____, buscará o protagonismo de nossos estudantes de modo a contribuir para o reconhecimento de suas identidades sociais e culturais. Assim, como momento significativo do projeto, a aluna participará de uma sessão de fotos com _____, que se dispôs a contribuir com sua arte e olhar profissional frente às perspectivas do projeto. Desse modo, os registros fotográficos feitos da aluna serão avaliados e supervisionados pela equipe pedagógica da escola e poderão ser divulgados e compartilhados com o intuito de conscientizar e reforçar os valores sociais, morais e éticos de nossos alunos leido por base a negritude como ato político. Desse modo, trazemos à consciência a de que as fotografias farão parte de uma exposição de trabalhos no dia _____ de _____ nas dependências da escola e será aberta para o público. Ademais, as fotografias poderão ser utilizadas para trabalhos de divulgação e publicidade do(a)s profissional(is) voluntário(s) envolvidos(as), desde que sejam respeitados os objetivos do projeto e a individualidade da família e da aluna participante.

Por fim, nós, no caráter de instituição escolar, reforçamos nossos valores éticos e nossa preocupação frente à formação de cidadãos e cidadãs conscientes, reafirmando a importância da participação da aluna no projeto, sendo em vista as suas características e representatividade. Desse modo, entendemos que a família e/ou os(as) responsáveis legais não primordiais nesse processo educativo e costamos, desde que haja concordância deste termo de consentimento, com a respectiva autorização.

Eu, _____, portador(a) do RG de nº _____ de _____ de _____, residente em _____ no endereço _____, autorizo, enquanto representante legal da aluna _____ a sua participação no projeto “Eu no espelho”, permitindo sua participação na sessão de fotos sem como a possível divulgação do material fotográfico para fins educativos e sociais. Nesses termos autorizo a aluna, menor de idade, nascida no dia _____/_____/_____, matriculada nesta instituição de ensino, a participar do projeto e a ter a sua imagem utilizada em exposições públicas, tanto para a comunidade escolar, como para o público em geral. Sendo assim, o material (fotográfico, o qual será cuidadosamente selecionado pelo equipe pedagógica da escola, poderá ser utilizado para fins exclusivos de publicidade e publicações de cunho educativo (sem fins lucrativos), podendo ser divulgado em painéis, folders, outdoors, televisão, internet, entre outros. Assim, reafirmo o trabalho a ser desenvolvido e autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reivindicado a título de direitos relacionados ao uso de imagem ou qualquer outro e anote a presente autorização em 02(duas) vias de igual teor e forma.

Ceilândia, ____ de ____ de ____

Assinatura do(a) representante legal da aluna
 Telefone para contato: (____) _____

Representante
 Direção CEF 18

Representante
 Equipe Pedagógica CEF 18